

AVENIDA FRANCISCO GLICÉRIO

ANPV 1. 1816-1

Designada em 25-11-1889

Formada pela antiga rua do Rosário

Início na rua Proença

Término na avenida Barão de Itapura

Centro

Obs.: Denominação proposta à Câmara pelos vereadores Salvador Leite de Camargo Penteado e Antonio Alvaro de Souza Camargo, constando na indicação que o reverenciado nascera naquela mesma rua. Pela lei nº 640 de 28-12-1951 passou de rua para Avenida.

FRANCISCO GLICÉRIO

Francisco Glicério de Cerqueira Leite nasceu em Campinas em 15-agosto-1846 e faleceu no Rio de Janeiro em 12-abril-1916. Era filho de Antonio Benedito de Cerqueira Leite e Maria Zelinda, esta filha de escravos, que foi mãe estremosa, carinhosa e respeitada por todos. Francisco Glicério tinha dez irmãos. Fez seus primeiros estudos em Campinas e depois foi para o Seminário Episcopal de São Paulo. Ingressou depois no curso de Direito de São Paulo, que não concluiu por motivo da morte de seu pai, obrigando-o a retornar a Campinas para ajudar a família. Trabalhou no jornal "A Aurora" sob a proteção de seu padrinho Francisco de Paula Sales, que o levou para Rio Claro para lecionar aos colônos de sua fazenda. Não dando certo, voltou para Campinas, ambrenhando-se nas lides e trabalhos forenses como auxiliar de seu irmão advogado Jorge Ludgero de Cerqueira Leite, aprendendo o suficiente para tentar com sucesso o exame de solicitador e em poucos anos organizar apreciável clientela. Em 1868, aceitava os principios republicanos criando o Partido Republicano de Campinas. Fundou então com Quirino dos Santos, Campos Sales e outros a "Gazeta de Campinas". Assinou o manifesto dos republicanos de 03-dezembro-1870 e em 1873, representou Campinas na Convenção Republicana de Itu, onde teve preponderante participação. Em 1887 foi eleito deputado republicano juntamente com Salvador Penteado. Em 15-novembro-1889 encontrava-se com Deodoro no Rio, sendo um dos organizadores do governo provisório, onde ocupou a pasta da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Com Campos Sales, Americo Brasiliense, Rangel Pestana e Prudente de Moraes organizou o governo de São Paulo, não querendo fazer parte dele. Na constituinte de 1890-91 representou São Paulo, como seu deputado. Em 1893, durante a revolta da Armada, colocou-se ao lado de Floriano Peixoto. Foi senador por São Paulo de 1902-1916. Ao morrer em 12-abril-1916 o governo brasileiro conferiu-lhe as honras de general das brigadas.

AVENIDA FRANCISCO GLICÉRIO



RUA DO ROSÁRIO -

Passava em frente à Igreja de
Nossa Senhora do Rosário.

Nome atual: Av. Francisco Glicério.

(Extraído do artigo "Nomes Pitorescos das Ruas e Praças
Existentes em 1848", inserido às fls. 8 do 2º Caderno,
do jornal "Correio Popular" de Campinas, de 14-julho-
1974 - Edição comemorativa do Bi-Centenário de Campi-
nas)

anpv/03/1983



FRANCISCO GLICERIO DE CERQUEIRA LEITE-Nasceu em Campinas em 15 de agosto de 1846. Foi um dos grandes vultos da propaganda republicana. Faleceu no Rio de Janeiro a 12 de abril de 1916. Conheceu cedo a necessidade de trabalhar, abandonando os estudos para trabalhar como tipografo, profissão que exerceu até 1863. Dotado de extraordinária força de vontade, lutou para vencer na vida e auxiliando seu irmão advogado, em pouco tempo aprendeu o bastante para tentar com sucesso o exame de solicitador e em poucos anos organizar apreciável clientela. Em 1865, iniciou-se na vida política abraçando as idéias liberais. Em 1868, aceitava os princípios republicanos criando o Partido Republicano de Campinas. Fundou, então, com Quirino dos Santos, Campos Sales e outros, a "Gazeta de Campinas". Teve ainda papel preponderante na Convenção de Itú, quando se lançaram os delineamentos gerais da propaganda e da constituição do Partido Republicano. Proclamada a República, organizou com Emérico Brasiliense, Rangel Pestana, Campos Sales, e Prudente de Moraes, o governo de S. Paulo. Não quis fazer parte do governo, aceitando, porém, mais tarde, a pasta da Agricultura e na instalação da primeira legislatura, fez parte da Câmara dos Deputados. Em 1893, durante a revolta da Armada, colocou-se ao lado de Floriano Peixoto, e quando do levante da Escola Militar, foi contrário às medidas tomadas por Prudente de Moraes contra os alunos da Escola, passando a chefiar a oposição ao Presidente da República. Preso por ocasião do atentado a Prudente de Moraes, foi absolvido pelo júri. Em meio às lutas e às acusações que lhe foram poupadas, escreveu ele a um velho amigo: "só vejo em torno de mim o dever de ser forte e a necessidade de ser puro". Não conseguiu, apesar de eleito, ser reconhecido na renovação da Câmara; o povo de sua cidade, porém, reconhecendo-lhe os méritos elegeu-o para o Senado da República, onde permaneceu até a morte.



Diário do Povo

Campinas, segunda-feira, 19 de junho de 1978

Ano II — N.º 204

Glicério, grande republicano.

Ataliba Amadeu Sevá

"FRANCISCO GLICÉRIO DA CERQUEIRA LEITE, natural de Campinas, onde nasceu no dia 15 de agosto de 1846, filho de Antonio Benedito de Cerqueira Leite e Da. Maria Zelinda, esta filha de escravos que foi uma mãe estremosa, carinhosa e respeitada por todos, vindo ele a falecer, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 12 de abril de 1916.

Francisco Glicério foi um dos maiores vultos da libertação dos escravos e congnominado mui justamente, como o príncipe da democracia brasileira, como o incólito chefe republicano, na Meca da República que foi nossa querida Campinas, portanto, falar dessa figura incomparável nas horas atuais, é recordar com saudade de seus grandes feitos e de seus magistrais companheiros Quintino Bocayuva, Benjamin Constant e Ruy Barbosa, Prudente de Moraes, Campos Salles, Américo de Campos, Rangel Pestana, Antonio Marçal Nogueira de Barros, Luiz Carlos de Mello, José Machado de Souza, Antonio Lobo e tantos outros da velha estirpe republicana.

Francisco Glicério, que tinha mais dez irmãos, fez os primeiros estudos nesta cidade e depois foi para o Seminário Episcopal de São Paulo p. depois ingressar no tradicional curso de Direito das Arcadas, onde não thegou a concluí-lo, por motivo de falecimento de seu pai, o que o obrigou a retornar à Campinas, para ajudar a família, trabalhando no jornal "A Aurora" sob a proteção de seu padrinho Francisco de Paula Sales, que o levou para Rio Claro, para lecionar aos colonos de sua fazenda naquele município, com o qual não se coadunava, forçando-o a voltar para nossa cidade e ingressar no serviço público no Fórum local, embrenhando-se nos conhecimentos das lides forenses e trabalhos jurídicos que o animava como auxiliar de seu irmão advogado Jorge Ludgero de Cerqueira Leite, com cujos conhecimentos prestou exames na Faculdade de Direito, em 1867, com êxito, destacando-se na nobre profissão de advogado.

De 1870 em diante, Francisco Glicério, com 24 anos de idade apenas, iniciava a sua brilhante carreira política, assinando o manifesto dos republicanos em 3 de dezembro e fundava o Partido Republicano no Brasil: e, em 1873, representou os republicanos de Campinas na Convenção Republicana de Itú, sendo um dos mais jovens convençionais, por revelar-se um excelente condutor de homens, um arremetedor do eleitorado e chefiava as campanhas com verdadeiro amor às idéias republicanas, com o desassombro combatia a

monarquia e pregava a abolição integral dos escravos e os ideais da república como verdadeiro apóstolo. Em 1867 foi eleito deputado republicano juntamente com Salvador Pentead, pois, Glicério era o incontestável Chefe do Partido Republicano, enfrentando como responsável das campanhas políticas, no celebre comício de São José do Rio Pardo, alguns meses antes da proclamação da República, sofrendo ataques de toda sorte pelos monarquistas fanáticos que praticavam verdadeiro vandalismo no hotel onde se achavam hospedados os republicanos, Consta, que foi ali, a 10 de agosto, que Francisco Glicério desfraldou pela primeira vez a bandeira Republicana, que se assemelhava a atual bandeira paulista.

Depois desses tristes acontecimentos de São José do Rio Pardo, mas que foram acontecimentos alertadores da aproximação da proclamação da República, no dia 7 de novembro de 1889, Francisco Glicério embarcou para o Rio de Janeiro afim de confabular com os generais responsáveis para a proclamação da República, culminando esse ato do dia 15 de novembro de 1889, pelo Marechal Deodoro da Fonseca, sendo Francisco Glicério seu braço direito na organização do Governo Provisório, onde ocupou a pasta da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, tendo desenvolvido louvável atividade nesse setor administrativo, melhorando as condições de transportes, produção e incentivando a imigração.

Na Constituinte Republicana de 1890-91, representou São Paulo, como seu deputado, foi Senador por São Paulo de 1902-1916, quando veio a falecer.

Francisco Glicério foi um grande Campineiro, que honrou e dignificou sua terra natal e, os biógrafos, são unânimes em afirmar que e' foi injustiçado, porque a ele merecia a direção do Estado de São Paulo.

Francisco Glicério era uma figura muito querida em Campinas e toda a vez que ele podia, cantava hozanas à cidade natal e prestava sua gran capacidade de trabalho e inteligência, em prol das coisas nossas e tudo o quanto a ela pudesse interessar.

Recebeu ele inúmeras honrarias, entre elas a de general do exercito de parte do Governo da República, porém, de sua cidade, ainda não recebeu a estátua que venha perpetuar-lhe o nome e a nossa gratidão.

A Sociedade Brasileira de Artes, Cultura e Ensino, sob nossa Presidência, acaba de instituir a medalha GENERAL FRANCISCO GLICÉRIO, para cultuar o nome desse ilustre e inesquecível Campineiro.

DIARIO DO POVO 28 DE JANEIRO DE 1954-

**Ruas da cidade:****FRANCISCO GLICERIO — rua e avenida**

(Francisco Glicério de Cerqueira Leite)

Começa na rua Proença e termina na Avenida Barão de Itapira, ligando a Vila Itapira e o início da Ponte Preta ao Centro.

A denominação foi dada em 25 de Novembro de 1889, por proposta dos Vereadores Salvaador Leite de Camargo Ponteadó e A. A'lvares, (dados compilados pelo Vereador Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "Ruas da E'poca Imperial"). Chamou-se antes rua do Rosário. Tem várias larguras: 9, 16 e 22 metros.

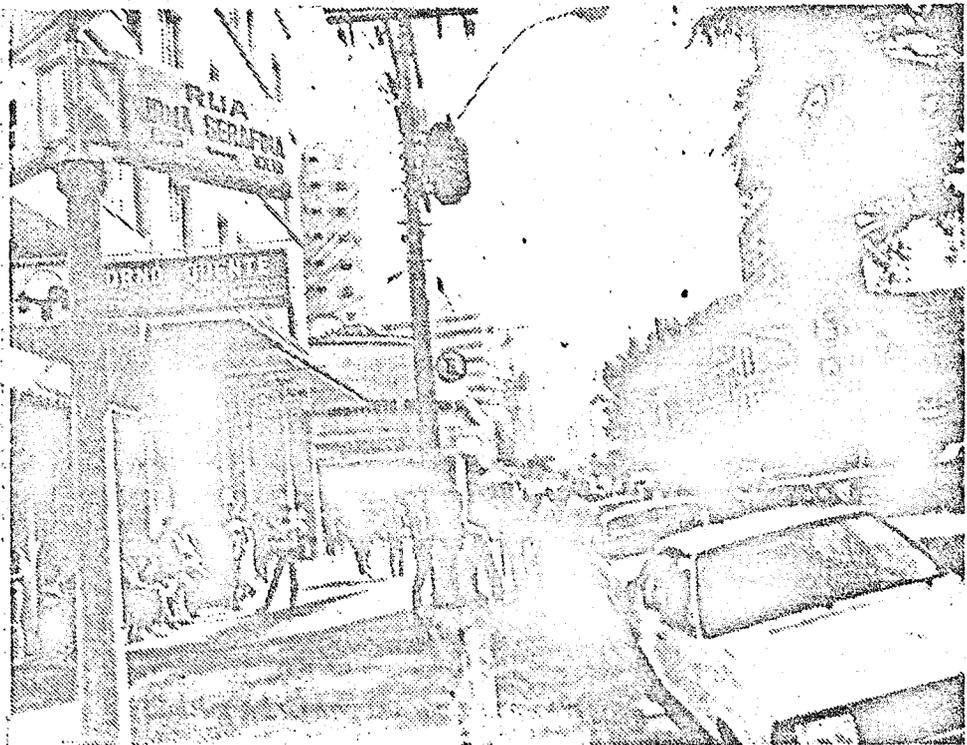
DADOS BIOGRÁFICOS: — Francisco Glicério de Cerqueira Leite, nascido em Campinas aos 15 de Agosto de 1846 e falecido no Rio de Janeiro aos 12 de Abril de 1916, foi um dos grandes vultos da propáganda republicana. Começou a trabalhar cedo, abandonando os estudos. Primeiramente como tipógrafo, profissão que exerceu até 1863. Possuidor de extraordinária força de vontade, muito lutou para vencer. Auxiliando seu irmão que era advogado, em pouco tempo aprendeu o suficiente para prestar exame de solicitador, carreira que abraçou e conseguiu em pouco tempo respeitável clientela. Sua vida política começou em 1865, quando abraçou as idéias liberais. Em 1868, aceitava os princípios republicanos, criando então o Partido Republicano de Campinas. Fundou, então, com Quirino dos Santos, Campos Sales e outros, o jornal "A Gazeta de Campinas", jornal que só desapareceu com a Revolução de 30, quando foi depredado pelo povo. Teve preponderante papel na Convenção de Itú, quando se lançaram os delineamentos gerais da propáganda e da constituição do Partido Republicano. Proclamada a República, com Américo Brasiliense, Rangel Pestana, Campos Sales, Prudente de Moraes e outros, organizou o governo de S. Paulo. Na ocasião não quiz fazer parte do mesmo, porém, mais tarde ocupou a Pasta da Agricultura. Representou S. Paulo na Constituinte e na primeira legislatura, fez parte da Câmara dos Deputados. Em 1893, durante a revolta da Armada colocou-se ao lado de Floriano Peixoto e quando do levante da Escola Militar foi contrário às medidas tomadas por Prudente de Moraes, contra os alunos, passando, então, a chefiar a oposição ao presidente da República. Foi preso por ocasião do atentado a Prudente de Moraes, mas absolvido pelo Juri. Nessa ocasião, ante as acusações de que se tratava de um velho amigo de um velho amigo, escreveu: "Não sou um velho amigo de um velho amigo, sou um velho amigo de um velho amigo". Não conseguiu, apesar de eleito, ser reconhecido na renovação da Câmara. Sua terra, porém, reconhecendo os seus méritos, elegeu-o Senador da República, lugar onde permaneceu até a sua morte.

Campinas prestou-lhe significativa homenagem fazendo inaugurar a 16 de Agosto de 1921, na necrópole da Saudade, um monumento-tumulo que é uma verdadeira obra de arte. A construção desse monumento foi autorizada pela Resolução n.º 578, de 10 de Março de 1920, sendo incumbido de sua execução o arquiteto campineiro Dr. Ramos de Azevedo. O ato inaugural que revestiu-se de brilhantismo, contou com a presença de representantes do Governo do Estado, do Secretário da Agricultura, do Tribunal de Justiça da Câmara dos Deputados e outras altas autoridades civis e militares.

A.M.G.

Data: 2 MAI 1983

Página: 86



Irmã Serafina: poucos sabem que ela foi uma freira francesa



Dr. Quirino: médico? Jornalista



Glicério, político e ministro



17/09/78

Diário

Página 1

O MUNDO DAS CRIANÇAS

BIOGRAFIA



Para variar vamos dar a biografia de um dos grandes vultos da cidade de Campinas. Vamos a ele: Francisco Glicério - 1846-1916.

Este homem que, na manhã de 15 de novembro de 1889, ao lado de Deodoro, em pleno Campo de Santana, no Rio de Janeiro, acabou com uma tradição monárquica de 389 anos no Brasil e pôs a República a funcionar, que poderia, naquele instante, por insistência de Deodoro, ser, todavia, não quis nada, começou a sua vida como um simples tipógrafo.

Francisco Glicério Cerqueira Leite, natural de Campinas, orfão de pai aos 15 anos, sem recursos, empregou-se como auxiliar de tipógrafo para prover a sua subsistência e a do seu. Em 1863, conseguiu outro emprego: escrevente de cartório; depois, conseguiu outro: professor primário; depois, outro: praticante de escritório de advocacia.

Com 22 anos, depois dos quatro empregos, conseguiu uma carta de solicitador de causas no fórum da cidade e estabeleceu-se por conta própria. Sem nunca ter frequentado um curso jurídico regular ou qualquer outro, torna-se um caudilho bem sucedido.

Funda, em 1868, o Partido Republicano de

Campinas e a "Gazeta de Campinas", instrumentos através dos quais iniciou a campanha republicana e a mais fulgurante carreira política da época.

Torna-se o líder incontestável do movimento republicano em toda a província de São Paulo e a História vai encontrá-lo, no dia 15 de novembro de 1889, ao lado de Deodoro, proclamando a instalação do regime republicano no Brasil.

Recusa-se Glicério a aceitar qualquer posição no governo que então se forma. Ajuda Deodoro a constituir o Ministério a tomar todas as providências preliminares, mas não quer e não aceita nenhum cargo.

Mais tarde, entretanto, assume o Ministério da Agricultura e Obras Públicas afim de promover a vinda de correntes imigratórias para a lavoura, lutando, até aquela altura, com o problema de escassez de trabalhadores rurais em consequência da libertação dos escravos um ano antes.

Foi deputado a Constituinte de 1891, líder da maioria e em 1894 organizou o Partido Republicano Federal, primeira tentativa de partido nacional, logo desfeito. Senador por São Paulo - 1902-1916, foi durante algum tempo presidente do Senado e relator do orçamento do Ministério do Exterior, como Membro da Comissão de Finanças.

Ao morrer, no Rio de Janeiro, no dia 12 de abril de 1916 o governo brasileiro conferiu-lhe a honras de general das brigadas.

E, continue mandando suas cartas para o Diário, Rua César Bierrenbach n.º 774, andar, dando sua opinião sobre a coluna e respondendo a seguinte pergunta: Qual é o seu programa favorito de TV?

Augusto Seixas Ribeiro

Luis Roberto Faral

Cristina Bragotto



Lusitana: antes os portugueses a batizaram de Rua do Ouvidor

"Lusitano", é uma denominação dada ao português, mas há quem acredite, como Alessandra Picarelli, ser nome de "alguma pessoa", importante da época.

A Rua Lusitana não passava, a princípio, de uma velha estrada que das bandas de São Paulo, demandavam Mogi-Mirim. Os casebres foram aparecendo, acompanhando a tortuosidade da estrada que até hoje se verifica, principalmente, na parte que fica entre a Moraes Sales e Major Solon.

Os portugueses, com seus armários, ferragens e molhados na maioria, aos poucos se instalaram na Rua, tornando-a a principal rua comercial da cidade. No entanto, a discriminação aos portugueses, por parte dos moradores da rua de cima fizeram com que João Novo, Eloi Savoi e Serafim Gonçalves, se rebelassem dando um nome à Rua: "Rua do Ouvidor".

Parados em frente a placa, muitos riram e outros contemplaram, mas a Câmara Municipal não gostou dos risos, porque afinal, eram os comerciantes portugueses que ali se manifestavam, os responsáveis pelo progresso da cidade. Decidiram chamá-la então "Rua Lusitana", em 1871.

Mais tarde com a inauguração da estrada de ferro no alto da cidade, o comércio também começou a se deslocar para lá, reduzindo assim o comércio da Rua. Vinte e dois anos depois no governo de Marechal Floriano, estourou a Revolta Armada do Rio de Janeiro e dos Federalistas do Rio Grande do Sul, estreitando as relações diplomáticas entre Brasil e Portugal.

Nesta época de combate, morreu heroicamente no Paraná o General Carneiro, e em solidariedade a Câmara resolveu mudar o nome da Rua para "General

Carneiro", data em que já existia a Praça Luiz de Camões. Quando mais tarde surge na política campineira, Alvaro Ribeiro, restituiu-se novamente a denominação de "Rua Lusitana", sendo "General Carneiro" dada a outra Rua no alto da cidade.

Falta interesse?

Hoje o "passado glorioso" de cada um destes personagens, não interessa a muita gente. Francisco Glicério por exemplo, é hoje, uma das principais Avenidas de Campinas. Francisco Glicério de Cerqueira Leite, influente político da época foi fundador do Partido Republicano Paulista em Campinas, Vereador da Câmara, Ministro da Agricultura no Rio de Janeiro. No entanto hoje, ele é tomado como um "médico", "um construtor", "um Bandeirante", outros então "nem imaginam" quem foi este homem, assim como muitos não sabem quem foi "Barreto Leme", o próprio fundador de Campinas.

Alguns campineiros mais idosos, lembram-se, ainda que vagamente, quem foram estes homens. Manoel Lentes por exemplo falou de muitas ruas do século passado, e de runs mais recentes que lembra com facilidade.

Esse desconhecimento por parte da maioria não é de estranhar. Afinal, mais de um século já se passou desde a chegada dos primeiros aventureiros que fizeram surgir Campinas e, outros que, depois, a projetaram no cenário nacional. Além disso, manter viva a memória da cidade é tarefa assumida por poucos, como o próprio Jolúma Brito, que nesse árduo trabalho de registrar a história de Campinas, acaba atraindo para si a função de imortalizar esses personagens do passado.

(Extraído do "Diário do Povo", de Campinas, de 22-maio-1983)



A S B A N D A S D E C Á

XIII

Campinas, desde a metade do século, passado já se orgulhava de possuir uma das melhores corporações musicais do país, e eram raras também as fazendas que não tinham as suas "charangas" e "bandas", com excelentes músicos e estes, por amor à arte, faziam questão de pertencerem às mesmas, pois só o fato de tornar-se músico representava algo com que o indivíduo se sentia como que sublimado. Em 1816, além do moço mulato da Parnaíba, Manuel José Gomes, mais conhecido como "Maneco Músico", vários eram os professores de música que aqui residiam. A maioria deles vivia da lavoura e do comércio e nas horas vagas dedicavam-se à arte de ensinar e tocar instrumentos musicais. Com o passar dos anos, era o "Maneco Músico" o mais procurado na então Vila de São Carlos, como era então conhecida. Em 1846 estava programada a visita do Imperador D. Pedro II à vila e quem passasse pela rua da Matriz Nova (atual Regente Feijó), notaria por certo grande afluência de pessoas, que penetravam e desapareciam pelo interior de uma casinha de porta e janela localizada naquela rua, entre a rua da Cadeia (rua Bernardino de Campos) e o Beco do Caracol, atual Benjamin Constant. Pela sua capacidade comprovada, "Maneco Músico" foi procurado pelas autoridades locais para que organizasse



e apresentasse uma corporação musical à altura do prestígio, que então gozava a nossa cidade perante a Corte Imperial. "Maneco Músico", naquele ano de 1846, havia fundado a corporação musical denominada "Banda Marcial", sucedendo-se os ensaios durante dias e noites, terminando às vezes às altas horas da noite; o enérgico e irascível paraibano, quando tinha a batuta na mão, não dava um minuto de descanso aos que se achavam debaixo de suas ordens. "O Chico", Modesto de Lima, padre Sant'Ana, mais conhecido como "Nhô Quim", Joaquim Pium, os irmãos Monteiro, o Ernesto, pintor, Ramos, o velho, o Juca Ramos, o Joaquim Seleiro, o Tubica, os dois filhos do maestro, o rapazola Juca, (Sant'Ana Gomes) que tocava clarinete, e o seu irmãozinho o "Tonico" (Carlos Gomes) que, sonolento, ao fundo da sala, tocava quase maquinalmente o ferrinho (triângulo), formavam o grupo. Um ano depois essa mesma corporação passa-se a denominar "Orquestra e Banda Campineira", sempre na direção do rígido "Maneco Músico", que passa a tomar parte em quase todas as festas religiosas e profanas que se realizavam na ex-Vila de São Carlos; mais tarde José Pedro de Sant'Ana Gomes organiza uma corporação musical que passaria a denominar-se "Banda Musical de Amadores Filorfenicas". "Juca Músico", como era mais conhecido, arregimentara nessa corporação musical a fina flor da sociedade campineira, destacando-se entre elas eminentes personalidades que muito contribuíram no campo educacional e político da época. Podemos apontar os seguintes elementos que pertenceram à "Filorfênica": "Chico Pingura", Bento Quirino e Custódio M. Alves, que tocavam bombardino, Pires da Motta e Vilarinhos, pistonistas, José Delmont, trompista, Carlos Bressane e Francisco P. Simões dos Santos, que tocavam trombones, no sax estavam o Sampainho, Antunes Pereira e Leão Cerqueira, bombo e pratos, o Juca Cruz, Francisco Teodoro no bombardão, Bento Pires no requinta, na caixa o José Xavier e nos clarinetes Antonio F. de Souza e o maestro "Juca Músico". Além da banda, existia também a "Orquestra Filorfenica", dirigida também por aquele maestro, onde se encontravam João C. Cezarino, Joaquim A. da Silva Camargo, capitão Luiz Pupo de Moraes, o rábula Francisco Glicério, mais conhecido como "Chico", e muitos outros. Naquele ano de 1864, a banda de "Juca



Músico", para desgosto deste, era também conhecida como a "Banda de Baixo", em vista da séria concorrência que lhe fazia a então "Banda Romana", dirigida por Joaquim Romão que, para gáudio deste, era também conhecida como a "Banda de Cima". Nesse mesmo ano apareceram mais duas bandas musicais denominadas "Banda da Santa Cruz" e a "Euterpe Infantil", que tiveram poucos anos de vida. Em 1870 é fundada pelos irmãos Elisário, Cândido, Floriano e Antonio Alvaro de Souza Aranha a "Banda Mato Dentro", dirigida pelo maestro Azarias Dias de Melo, sendo a mesma dissolvida em 1875. Quando da inauguração da Estação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a 11 de agosto de 1872, além de uma corporação musical que viera da capital, lá estavam para os festejos as duas bandas, a de "Juca Músico" e a "Banda Fazenda S. Maria", compostas tão somente de músicos negros escravos, pertencentes ao fazendeiro Comendador Vilela. Com a morte de "Maneco Músico" ocorrida, anteriormente, a 11 de fevereiro de 1868, Sant'Ana Gomes havia tomado o encargo de continuar a obra iniciada por seu pai, pois tinha um nome a zelar, considerando-se ainda ser irmão de Carlos Gomes. Em 1880 é fundada a Sociedade Luiz de Camões, e com esta, uma banda musical com o mesmo nome. Em 1889 sob a regência de Moreira Lopes, é fundada a "Banda Carlos Gomes", em homenagem ao insigne maestro que soubera elevar bem alto o nome do Brasil. Mais tarde essa corporação é dissolvida, sendo fundada outra com o mesmo nome pelo maestro Agide Azzoni, que também não tivera longa duração. Em 1894 é formada nova corporação musical denominada "União Operária", sob a regência do maestro Juvenal Plácido da Costa, que também desapareceu no segundo decênio deste século, por questões financeiras. O ano de 1895 tinha sido o climax da imigração italiana em nosso país, e a maior parte dela havia sido encaminhada para o Estado de São Paulo; dessa forma Campinas tomava novo impulso com a vinda desses peninsulares. Tanto a lavoura como o comércio passaram a fazer maiores movimentos. Dotado de indole artística resolvem os italianos arregimentar os "paisanos" interessados em música. Assim, a 4 de julho de 1895, é formada a "Banda Italo-Brasileira" que, sob a regência do maestro Constantino Soriani, é composta dos seguintes músicos,



na maioria de origem italiana: Giuseppe Troiano, Romualdo Suriani, Panfilo Sabatini, Giovanni Suriani, Miciel de Felippis, Gabriel de Vasconcelos. Ernesto Ricci, Benjamin C. da Silva, Pompeu de Túlio Sobrinho, Martinho Badhe, Carlos e Clemente Hilchner, Paulo Suriani, Marotta Antonio, Marcos Vivarelli, Atilio Dangieri, Giustino Scamuffo, Domenico Curcio, Francisco Tullio, Humberto Troiano, Natale Salateu e Francisco Vevoni. Com o passar do tempo notava-se que o aparecimento da "Banda Italo-Brasileira" provocou o surgimento de novas corporações de música e dentre elas podemos apontar: "Banda da Fazenda Chapadão", "Banda da Fazenda Recreio", ambas sob a regência de Leoncio da Silva, "Soc. Musical Lira de S. Benedito" com a regência de Luiz Monteiro, "Banda Brasileira" do maestro Salvador Bueno de Oliveira, "Banda Garibaldi", "Musical Campineira de Homens de Cór", dirigida por João de Oliveira, "União Campineira de Cór", "Banda Progresso"; fundada por Giuseppe Troiano, em fins de 1913, isso sem contarmos com inúmeras "charangas" que existiam e das bandas militares, que pertenciam ao governo. Em 1905, sob a direção do maestro Zimbres, é organizada a famosa "Banda do Boi", corporação que durante muitos anos divertiu o povo campineiro nas épocas carnavalescas. Em 1909, a "Banda Italo-Brasileira", comemorando o seu décimo quarto ano de existência, fez realizár grandiosa retreta no então "Jardim Público" (hoje Praça Imprensa Fluminense) que ficou totalmente tomada. Foram convidadas muitas personalidades da cidade de São Paulo e do interior, que não regatearam aplausos à então famosa banda que ia se tornando conhecida como uma das mais perfeitas das existentes no país. Por certo ainda está gravada nos corações dos antigos campineiros esta festa em que tomaram parte os seguintes músicos, sob a batuta do não menos famoso Troiano: Marco Vivarelli, Francisco Tullio, Constantino Suriani, Paulo Suriani, Emilio Rossini, Raúl da Luz, Diogo I. Bratfish, Atilio Dangieri, Augusto Moreira, Domenico de Curcio, Miguel de Felippis, Olivio Trevisalli, João Suriani, Natale Salateu, Humberto Troiano, Justino Scamuffo, Lourenço Luppi, Palmerino Suriani, Pampilo Sabatini, Martinho Badhe, Olivio Catuzzo, Leopardo Russo, Jaime Pires, Pompeo de Tullio e Giuseppe Pizzati, este último, apesar de seus



longos janeiros às costas, pode ser visto nas retretas que são realizadas atualmente no coreto da Praça Carlos Gomes. Naqueles mesmos dias, durante os festejos que se realizavam, José Veneri é aclamado presidente benemérito pelo muito que havia feito em benefício da "Banda Italo-Brasileira" e, além daquele cavalheiro, podemos apontar a figura do saudoso Domingos Paulino, outro elemento que muito trabalhou em prol da música em nossa terra: foi eleito por diversas vezes, presidente da "Banda Italo-Brasileira" e em 1911 eleito também presidente da "Banda Carlos Gomes". Os anos foram decorrendo e pelas trilhas que a "Banda Italo-Brasileira" ia passando, ficavam os sulcos de grandes sucessos que se acumulavam de ano para ano. Quando dos festejos do centenário de 1922, aquela corporação é convidada a tomar parte dos mesmos, que se realizavam no Rio de Janeiro, com a presença de Eptácio Pessoa, então presidente da República e do Rei da Bélgica, que se achava em visita ao nosso país. Os componentes da Banda foram aplaudidos freneticamente por todas as altas autoridades ali presentes. Essa caravana havia sido organizada e dirigida pelo jornalista Álvaro Ribeiro que, em companhia de Domingos Paulino, não mediu esforços e sacrifícios para poder apresentar ao povo brasileiro uma corporação digna do nome de Campinas. Mais tarde outras bandas musicais foram organizadas, entre elas a "Corporação Musical Campineira dos Homens de Cór", fundada pelo maestro João de Oliveira e atualmente dirigida pelo sr. Venâncio Pompeo, que vem servindo o público campineiro desde 11 de junho de 1933, data de sua fundação e "Banda Santa Cecília", fundada em 1946, que também vem cooperando nas retretas que se realizam em nossa cidade. Quando da última Guerra Mundial, por questões políticas, a Banda "Italo-Brasileira" foi obrigada a ter outra denominação, passando a ser conhecida até hoje como "Banda Carlos Gomes".

As grandes corporações musicais que Campinas possuía no passado ficaram reduzidas a três, que lutam com dificuldades e à continuar assim, em breve, não teremos mais retretas musicais em Campinas, pois não temos no momento nem direito de afirmar que as "bandas de cá" são melhores que as "bandas de lá"...

(Extraído de fls. 161 a 169 do livro "Retalhos da Velha Campinas" de autoria de Geraldo Sesso Júnior, Empresa Gráfica e Editôra Palmeiras Limitada, Campinas, SP, 1970)